

Sexualidade, poder, psicanálise

Silvia Leonor Alonso

Silvia Leonor Alonso é psicanalista, professora e supervisora no curso de Psicanálise e uma das fundadoras do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e da revista *Percurso*. Também coordena o grupo de pesquisa “O feminino e o imaginário cultural contemporâneo” desde 1997. É autora dos livros *Histeria* (Casa do Psicólogo, 2004; 3ª edição ampliada, Artesã, 2023), em parceria com Mario Pablo Fuks, *O tempo, a escuta, o feminino* (Casa do Psicólogo, 2011) e *Ressonâncias da clínica e da cultura* (Blucher, 2022), entre outros.

Texto apresentado em conferência proferida no ciclo “Narcisismo, alteridade, identidade”, organizado pelo curso de Psicopatologia do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, em 20 de maio de 2025.

Resumo O artigo aborda a força do poder político-social na construção de “normatividades” sobre as sexualidades assim como a de excluir, desumanizar “certos corpos”, “certos outros”. Partindo do diálogo entre feminismos e Psicanálise, analisa a “episteme” psicanalítica nos seus fechamentos e adequação à norma hegemônica e nas suas aberturas e retrabalhos, para construir junto a outros saberes uma episteme na qual caibam as diversidades de sexo e de raça.

Palavras-chave sexualidade; feminismos; gênero; normatividade social; lógicas de poder.

DOI: 10.70048/percurso.75.9-20

Em 1920, Berlim tinha uma importante comunidade *queer*. Se espalhavam pela cidade lugares de encontro e diversão, e havia um preferido: o cabaré Eldorado, onde lésbicas, homossexuais e travestis se encontravam e se divertiam num ambiente de aparente liberdade.

Essa história é narrada num documentário de Benjamin Cantu, *Cabaré Eldorado: o alvo dos nazistas*¹, que combina imagens de arquivo, depoimentos de especialistas e testemunhas e imagens reais.

Esse lugar onde se reunia a comunidade *queer* era frequentado, entre outros, por Ernst Röhm, importante estrategista que teve papel fundamental para Adolf Hitler alcançar o poder. Foi muito próximo a Hitler, que durante muito tempo pareceu não se incomodar com sua condição homossexual.

Nessa mesma época, o sexólogo Magnus Hirschfeld, que fundara a primeira organização de direitos *gays*, mantinha na cidade o Institut für Sexualwissenschaft, dedicado a estudos da sexualidade, onde a comunidade LGBT recebia grande apoio e onde se realizaram as primeiras cirurgias de mudança de sexo.

Ao mesmo tempo, mulheres se manifestavam ocupando as ruas, e sua luta ganhava força.

No campo legal, o artigo 175 penalizava a homossexualidade mas não era aplicado. No entanto, esse clima de liberdade não demorou a se dissipar. O aparente equilíbrio se manteve enquanto serviu ao poder, e, em 1931, começaram a se divulgar valores conservadores.

Em 1933, Hitler se tornou Chanceler, e se impôs o princípio da “raça pura”, imperando o ideal de “saúde racial e sexual”. Pouco antes de tomar o poder, Hitler fechou o Eldorado. O sexólogo Hirschfeld virou um inimigo central dos nazistas, que invadiram e destruíram

1 B. Cantu, *Cabaré Eldorado*.



o movimento feminista deve ser pensado na longa história de luta das mulheres, que dura até hoje e para a qual os feminismos ofereceram estratégias políticas importantes

o Instituto. Queimaram os livros que encontram ali e também os de Freud.

A normatividade social mudou. Fechou-se todo espaço para o *queer* e se impuseram categorias de gênero muito rígidas. As mulheres deveriam ficar em casa e cuidar dos filhos, e os homens, se prepararem para a guerra.

Em 1934, Röhm foi morto na “noite das facas longas”, junto a muitos outros líderes. O discurso do poder centrava-se na normatividade sexual. Hitler dizia que a libertinagem sexual se havia estendido muito e que isso não era bom; recomendava às mães dos jovens que entregassem sem medo seus filhos às SA, onde eles “não se perverteriam”. Heinrich Himmler liderava a perseguição aos homossexuais.

Nos tempos de aparente liberdade, no Cabaré, espões haviam feito as “listas rosas”, com o nome de todos os que tinham alguma expressão diferente no campo da sexualidade. Elas foram entregues à Gestapo, e “os diferentes”, condenados pelo artigo 175. Hoje sabemos que os homossexuais sofreram imensa crueldade nos campos de concentração.

Comecei com essa história retratada no documentário porque ela mostra claramente a força do poder político na construção de normatividades sobre as sexualidades e de discursos que organizam as “lógicas sociais desigualadas”² e relegam indivíduos e grupos a lugares de invisibilidade e vulnerabilidade sobre os quais se perpetram as piores violências, sejam sociais ou cotidianas. Permite ainda ver a força das “pautas de costumes” como instrumentos de dominação.

São muito impactantes as imagens da cena social de um momento histórico e o lugar ocupado

por cada elemento que o compõe: o discurso e a ação política, incluindo ou segregando sexualidades; a psicanálise, com a queima dos livros na tentativa de eliminar seu pensamento disruptivo sobre a sexualidade; a diversidade sexual e sua eliminação; e o movimento feminista tomando as ruas.

É com este último que começo minha reflexão: as passeatas que aparecem nas ruas no documentário são do movimento sufragista, que surgiu na Inglaterra no final do século XIX e se ampliou pelo mundo no século XX. Mas há um antes e um depois.

O movimento feminista deve ser pensado na longa história de luta das mulheres, que dura até hoje e para a qual os feminismos ofereceram estratégias políticas importantes. Ele surge sob a influência dos princípios da Revolução Francesa, no marco da luta pela igualdade de direitos defendida por esta, mas que não incluía as mulheres. Muitas delas participaram ativamente da revolução, mas, no fim, foram para a guilhotina ou para o exílio sob a acusação de “transgredir as leis da natureza”. No entanto, algumas vezes se levantaram com força e deixaram marcas.

Depois, nas décadas de 1960-70, ele ressurgiu com o “feminismo das diferenças”. Se até aí as mulheres lutavam por igualdade – um termo que vem do campo jurídico –, a diferença provém do campo existencial e inclui subjetividades, sujeitos, identidades e reconhecimento do outro. É na esteira de maio de 1968 e da psicanálise que o tema da diferença dos sexos ganha mais importância.

Entre a época retratada pelo documentário e a década de 1960, destaco a obra de Simone de Beauvoir. A filósofa, psicanalista, escritora e feminista Julia Kristeva, que estudou profundamente essa obra, publicou uma compilação de seus escritos a partir de seu engajamento no prêmio que leva o nome da escritora. Aí, Kristeva afirma que Beauvoir realizou uma verdadeira “revolução antropológica”, já que não só explora o sofrimento, a vitalidade, os impasses e os caminhos do feminino, como converte a “elucidação íntima da condição feminina em urgência política [...] seu verdadeiro aporte é que convida a singularizar a

política e a politizar o singular”³. Seus escritos mobilizaram um amplo movimento internacional em prol dos direitos das mulheres e, no espaço de uma geração, essa ruptura subverteu o laço existencial entre homens e mulheres.

Essa revolução antropológica auxiliada por mudanças tecnológicas – pílula, gravidez assistida e seus desdobramentos, cirurgias de transição de sexo – reconfigurou o destino da espécie humana. Apesar de saber que a história não anda toda na mesma direção, sabemos quanto o pensamento calculante que substitui a subjetividade pela razão do valor de troca também avança no século XXI.

Simone de Beauvoir luta contra o biologismo, de onde sua famosa frase “A mulher não nasce, torna-se mulher”⁴. E desbiologiza a mulher ao colocá-la na história das sociedades patriarcais e elevá-la ao estatuto de sujeito.

No entanto, em muitos momentos, ela própria foi tomada pelo universalismo totalizante, pensando a condição da mulher em coincidência com os feminismos de sua época, mas nos seus romances conseguiu singularizar o político e politizar o singular.

As “lógicas sociais desiguais”

Como afirma a psicanalista argentina Ana Maria Fernández, as violências privadas são políticas, uma vez que falam do poder social incorporado subjetivamente de excluir ou desumanizar “certos corpos” e “certos outros”. Em suas palavras:

[...] os dispositivos de desigualdade, legitimados a partir de diferentes universos de significações imaginárias, têm instituído diversos mitos sociais sobre o que seja ser mulher e o que é ser homem, consolidando em cada período histórico tanto os padrões sociais e subjetivos quanto os modos de circulação pública e privada aos quais as pessoas de ambos gêneros deveriam se adequar⁵.

2 A.M. Fernández, *Las lógicas sexuales*.

3 J. Kristeva, *Beauvoir presente*, p. 11, 16.

4 S. Beauvoir, *O segundo sexo*.

5 A.M. Fernández, *Las lógicas sexuales*, p. 41.

6 A.M. Fernández, *op. cit.*, p. 43.



*foi se construindo uma
“epistemologia das diferenças”
na qual o outro é sempre um “negativo
do um hegemônico” e, portanto,
incompleto e inferior*

Por essas lógicas, “Se essencializa a diferença e legitima a desigualdade social”⁶.

Assim, assinala a autora, na sociedade moderna, para as mulheres imperaram o “mito da mulher mãe”, da “passividade erótica” e do “amor romântico”, enquanto para os homens, os mitos do “êxito profissional e financeiro”, o “erotismo em chave fálica” e o “lugar de provedor das mulheres”. Os mitos sociais organizam o imaginário de cada momento histórico. Até o século XVII, o modelo vigente era o monismo. Na modernidade, a lógica social de fundo dispôs as diferenças pela condição sexuada, que as atribui a essências imutáveis, organizando-as por uma lógica binária e hierárquica e legitimando a desigualdade. E isso vai sendo reproduzido entre homens e mulheres, entre heterossexuais e homossexuais, entre cis e trans e assim por diante.

No dizer da autora, a modernidade criou amálgamas entre sexo/desejo/gênero/práticas eróticas/prazeres/imaginários amorosos, que resultariam, quando se respeita essa corrente, na *identidade feminino/masculino*.

Nesse caminho, foi se construindo uma “epistemologia das diferenças” na qual o outro é sempre um “negativo do um hegemônico” e, portanto, incompleto e inferior, ou seja, essa episteme não inclui alteridade. A mulher não é um outro, e sim “a sombra do homem”.

Nas últimas décadas, tem havido grandes mudanças: nas práticas sexuais, nas subjetividades, no campo ético e no jurídico e nos discursos. É preciso reconhecer que as fronteiras da sexualidade se alargaram, os imaginários sobre o corpo se modificaram, corpos diferentes passaram a ser vistos,



*a psicanálise não é uma prescrição
de uma sociedade patriarcal,
mas em todo caso, a análise dos efeitos
subjetivos de uma sociedade patriarcal*
[Juliet Mitchell]

e escutados desejos até então silenciados. Formas diversas da sexualidade se apresentam na clínica e no social e nos interrogam, aproveitando as fissuras abertas no patriarcado. Vêm-se desenhando novas cartografias das relações entre os gêneros.

Aos feminismos se somaram os movimentos homossexuais LGBTQIA+, e os próprios movimentos feministas também foram se modificando: se, num tempo, foram muito tomados pelo universalismo, quando se falava “da mulher”, tratava-se na verdade da mulher branca, cis, heterossexual e de uma determinada classe. Isso foi se particularizando, levando em conta e cruzando gênero com raça e classe, e foi se abrindo para caber a mulher negra, trans, indígena, deixando de ser uma massa uniforme para ser uma rede que conecta diversidades. Mas, apesar de tantas mudanças, o regime patriarcal não parou de operar, e a misoginia continua forte. Aí estão as violências na rua e em casa, e estendeu-se pelo mundo o conflito crescente entre correntes conservadoras e inovadoras no pensamento; o campo dos costumes e das pautas morais sobre a sexualidade é zona de confronto.

Ao mesmo tempo, a “episteme do mesmo” entrou em crise na segunda metade do século xx, abalada por acontecimentos de diversas ordens: movimentos feministas, trans feministas, *queer*, mudanças nas práticas de reprodução, no conceito de gênero e nas diferentes relações amorosas, sexuais e desejantes.

Introduzir o conceito de gênero no estudo das sexualidades foi permitindo ver como são os dispositivos de poder e suas lógicas que leem as diferenças biológicas de modo a justificar as desigualdades sociais, o que abriu um caminho para separá-las das supostas “essências” e colocá-las no

lugar das subordinações políticas e culturais, que se tornam subjetivas e eróticas.

A Psicanálise

Voltando ao documentário, onde aparece a psicanálise? Na cena, os livros de Freud são jogados na fogueira junto com o resto da biblioteca do Instituto, reconhecendo-se a ameaça que representava o disruptivo contido em seu pensamento. A psicanálise aparece atacada pelos conservadores e do lado dos que acolhem a comunidade *queer* e postulam aberturas no campo da sexualidade, do lado dos feminismos que se fazem visíveis nas ruas.

Desde então, no diálogo entre feminismos e Psicanálise – tenso mas fundamental –, eles a interrogaram questionando o essencialismo dos lugares do feminino/masculino na teoria, as desigualdades e hierarquias que permanecem na forma como se pensa a diferença sexual, o negativo em que o feminino fica nas teorias. O que os psicanalistas respondemos? No meio do fértil diálogo que mantém com os feminismos, Juliet Mitchell afirma: “a psicanálise não é uma prescrição de uma sociedade patriarcal, mas em todo caso, a análise dos efeitos subjetivos de uma sociedade patriarcal”⁷. Concordo em parte; o que chega na clínica são subjetividades produzidas pela sociedade de uma época, mas, quando isso vira teoria, se converte num “discurso-norma” que produz ou reafirma subjetividades. Então, de alguma forma, “prescreve”.

Temos sido interrogados insistentemente: será que a psicanálise é mais um dispositivo destinado a fortalecer a repetição do modelo de pensar a diferença e as sexualidades presentes no social? Ou será que, no seu dispositivo clínico de escuta e na sua teoria, há criatividade suficiente para abordar as novas formas de sexualidade e os novos sofrimentos?

A psicanálise ameaçando o poder ou se submetendo a ele

Num bonito texto⁸, Juan Carlos Volnovich mostra que, recém-chegado de Paris, Freud profere



*esse movimento oscilante
de Freud entre denunciar
e defender o poder masculino
também aparece desde o começo
em pequenos detalhes*

uma conferência em Viena em 1886 na qual apresenta duas aberturas: a origem traumática da histeria e a existência da histeria masculina. E coloca no banco dos réus os homens abusadores e toda a comunidade científica de Viena. Volnovich afirma que, equiparando homens e mulheres e apagando as fronteiras entre normal e patológico, Freud põe em questão os princípios centrais do patriarcado, provocando muita irritação, mas ele próprio fica ameaçado com a exclusão do grupo dos médicos e dos homens defensores do patriarcado, que se sentiam ameaçados não pelo sexo, mas pelo questionamento da “normatividade existente”, e isso teria levado Freud a fazer uma negociação interna, e por motivos antes pessoais e de poder do que teóricos: acaba renegando aquilo que havia defendido. Na carta de 1897, Freud formula sua conhecida frase “não acredito mais na minha neurótica”⁹, a partir da qual não aparecem mais homens abusadores, e sim mulheres enganadoras, restaurando o *establishment* médico e as normas do patriarcado.

Mas esse movimento oscilante de Freud entre denunciar e defender o poder masculino também aparece desde o começo em pequenos detalhes. Por exemplo, quando escreveu o historial de Catarina em *Estudios sobre a histeria*, reconheceu o abuso sexual como situação traumática que conduz à neurose, no entanto, a imputou aos tios, ocultando e protegendo a figura dos pais¹⁰. Em 1924, Freud colocou numa nota de rodapé no historial.

Depois de tantos anos, me atrevo a quebrar a discrição antes observada e indicar que Catarina não era sobrinha da hospedeira. Ou seja, a moça tinha adoecido em consequência de tentações sexuais que partiam do próprio

pai. Uma desfiguração como a praticada por mim nesse caso deveria evitar-se num historial clínico.¹¹

Mais uma vez, numa nota de pé de página do historial de Rosália, Freud admitiu: “também aqui era na verdade o pai, não o tio”¹². Ou seja, há nos fundamentos um ponto de desmentido. Por outro lado, se não se pode negar sua cumplicidade com os lugares de poder, tampouco se pode generalizá-la.

Aberturas e fechamentos da teoria

Não podemos negar certa cumplicidade de Freud e Lacan com a epistemologia binária e hierárquica das diferenças, nem as frases misóginas no discurso de Freud ou as transfóbicas no de Lacan, mas isso não equivale a afirmar que todo o pensamento freudiano está amarrado à normatividade social, nem que a psicanálise seja mais um dispositivo para reafirmar a normatividade social.

O pensamento freudiano tem momentos conceituais de abertura e outros de fechamento, alguns em que fala o pesquisador que consegue fazer teoria, ou seja, ampliar as possibilidades de entender a realidade, e outros em que fala o homem burguês fruto do século XIX. Mas poderia ser de outro jeito? Não somos todos frutos de um tempo? Pensemos na afirmação de Kristeva sobre Beauvoir: fez uma revolução antropológica, mas em partes ficou presa ao universalismo de sua época.

A teoria da sexualidade vai tendo desdobramentos ao longo do tempo em todo o pensamento freudiano. No início, as histéricas – subjetividades constituídas no seio da modernidade, no centro de

7 J. Mitchell, *Psicanálise e feminismo*, p. 17.

8 J.C. Volnovich, “Aquellos vientos trajeron estos lodos”, in *Psicoanálisis y género*.

9 S. Freud, Carta 69, in *Obras completas*.

10 I. Monzón, “Abuso sexual: violencia de la desmentida”, *Revista Ateneo Psicoanalítico*, n. 12, apud A. Fernández, *op. cit.*

11 I. Monzón, *op. cit.*, p. 154.

12 S. Freud, “*Estudios sobre la histeria*”, in *Obras completas*.



corajosas, reverterem o império da razão com aquilo que mostram em seu corpo, denunciando a existência do desejo e da sexualidade que era negada às mulheres

um imaginário feminino esvaziado de erotismo – fazem sintomas no corpo; são um grito de sofrimento e, ao mesmo tempo, da presença de Eros. Corajosas, reverterem o império da razão com aquilo que mostram em seu corpo, denunciando a existência do desejo e da sexualidade que era negada às mulheres. De outro lado, Freud se dispõe a escutar aquilo que até então não era escutado na cultura: o erotismo e o desejo no corpo das mulheres. Nessa escuta, se criam várias aberturas, uma para dentro – o sujeito dividido, a existência do inconsciente e, com isso, uma teoria da sexualidade que reconhece que esta será sempre conflitiva e enigmática – e uma abertura para fora – porque a escuta clínica leva Freud a pensar a sexualidade no marco da época e a mostrar a respectiva moral sexual, que produz efeitos nos sujeitos e causa sofrimento sobretudo nas mulheres.

Mas a abertura avança mais: a partir dessa clínica que inclui o feminino, surgem o conceito de pulsão diferenciado do de instinto, o de corpo erógeno que não coincide com a anatomia, afastando-se de um paradigma de “endogenismo biologizante” e postulando a concepção da sexualidade infantil com sua lógica perversa polimorfa contradizendo a concepção popular. Além disso, não restringe a heterossexualidade à procriação e separa a homossexualidade da degeneração. Nesse conjunto de conceitos, vejo uma verdadeira implosão das fronteiras da sexualidade e da normatividade moralizante sobre a sexualidade, sobretudo no que tange às mulheres.

Para dizer mais claramente, por que seriam aberturas? Porque algumas coisas se desamarram, e isso abre espaço para o pensamento: (1) na separação entre os conceitos de pulsão e de instinto,

o conceito de sexualidade se “desnaturaliza” e separa do biológico – não do corpo, mas do inato. (2) A pulsão tem objeto e meta individual e contingente e, ao menos perto das origens, é perversa e polimorfa. Em sua parcialidade, a pulsão é plural e, em seus destinos, múltipla. (3) Separando a pulsão da genitalidade, se a separa igualmente da procriação, e, não sendo essa sua única meta e sendo ela norteadada pelo prazer e pelo gozo, tem a ver com a fantasia e com o inconsciente. A sexualidade infantil é uma grande descoberta freudiana não pela concretude de sua existência, mas pela lógica que ordena seu funcionamento.

No entanto, na singularidade predominante nesse período, no qual o recalque se liga diretamente à experiência traumática, o corpo erógeno marca presença, e a percepção e a experiência sensível têm importância. Segue-se outro longo período, no qual a fantasia substitui a experiência na base do sintoma, impõe-se a universalidade estruturante e prospera uma nova amarração à genitalidade, agora como meta do desenvolvimento “normal”, com o império da normatividade da época. E se na fundação a psicanálise é a primeira disciplina que toma o feminino como seu objeto, aos poucos as mulheres vão ficando em lugares negativados, inferiorizados e um pouco fora da civilização, com postulados como o de superego frágil e uma suposta limitação das possibilidades sublimatórias.

Num terceiro momento, Freud reformula a teoria do trauma e da sedução universalizando esta última, já que agora se trata da sedução materna, que a mãe introduz no cuidado do bebê¹³. Novos pontos de abertura: (1) a sexualidade vem do outro, de fora. (2) Aparece o advir mulher: “a psicanálise não pretende descrever o que é uma mulher [...], mas indagar como advém, como se desenvolve a partir da criança polimorfa”¹⁴. Ou seja, retoma o poliformismo de base, mas também a sexualidade volta a aparecer como processo de construção no seio da singularidade. Temos de acrescentar a isso o conceito de feminilidade, que agora aparece como o que há de mais pulsional e está na base da sexualidade, seja dos homens ou das mulheres.



Tanto no primeiro quanto no terceiro momento, a teoria da sexualidade na psicanálise se complexifica, amplia e singulariza, aparecendo como um problema, um enigma e um processo.

Agora, entendo que a inclusão do conceito de gênero nas décadas de 1960-70 no pensamento psicanalítico foi uma abertura fundamental.

O pensamento de Freud e de Lacan foram produzindo uma separação da sexualidade e do biológico, mas certamente foi a inclusão do conceito de gênero que radicalizou essa separação e questionou fortemente as teorias essencialistas sobre os sexos e a naturalização dos corpos. Esse conceito permitiu incluir na reflexão duas dimensões até então invisibilizadas: (1) a dimensão histórica, quando se começou a falar no plural – feminilidades/masculinidades entendidas como construções histórico-sociais –, reconhecendo-se a importância dos discursos instituídos – religiosos, médicos, científicos e jurídicos – na construção das significações de gênero; e (2) a questão do poder; essa incorporação permitiu reconhecer como as ideologias entraram nas próprias teorias psicanalíticas e retrabalhar conceitos como inveja do pênis, instinto materno, zonas erógenas femininas, relação clítoris/vagina...

A questão do poder

Fundamentalmente, o conceito de gênero permitiu pensar as relações entre sexo, identidade e poder.

No entanto, foi preciso rever o próprio conceito de gênero, já que ele foi construído no campo da lógica binária homem/mulher, hierárquica e desigual. Ou seja, o conceito de gênero desnaturalizou o masculino/feminino, mas não a binariedade ou a heterossexualidade compulsória, mantendo-se uma forte relação hierárquica entre heterossexualidade e outras formas de

*foi preciso rever o próprio
conceito de gênero, já que
ele foi construído no campo
da lógica binária homem/mulher,
hierárquica e desigual*

sexualidade. Assim, alguns autores vêm fazendo importantes reelaborações. Apresento aqui sinteticamente o retrabalho de alguns psicanalistas sobre o conceito de gênero e da identidade sexual.

(1) Um deles é o de J. Laplanche, e retomo um texto que publiquei em 2016¹⁵. Sabemos que Laplanche foi ao longo de sua história um grande defensor do lugar central da sexualidade na psicanálise, chegando a dizer que a psicanálise é fundamentalmente uma teoria da sexualidade. Sabemos também que é reconhecido pelo cuidado e pela precisão quando recupera um conceito ou inclui um novo, que vem de outras áreas – no caso, gênero. Pinço alguns movimentos fundamentais do autor nesse sentido. (a) O ponto de vista de que ele pensa o conceito – originalmente sociológico – é o da criança, e aqui já marca uma diferença: enquanto os sociólogos falam em interiorização, ele fala em metabolização do trabalho psíquico de tradução. (b) Desloca totalmente a questão do universal, retirando-o do final do processo, da sexuação, para colocá-lo no início da constituição psíquica. (c) Entre a realidade psíquica e a material, inclui uma terceira, que é a da mensagem. (d) Ao pensar o conceito, inclui tanto o inconsciente quanto o conflito. (e) Questiona a dicotomia natureza/ cultura. (f) Não confunde a anatomia perceptiva com a fisiologia. Vejamos de que se trata tudo isso.

Laplanche nos fala da situação antropológica fundamental, que estaria nas origens do sujeito psíquico, cena da “sedução generalizada”, situação assimétrica entre criança e adulto, pensada pelo autor seguindo os princípios que norteiam a teoria da sedução freudiana: a temporalidade do *a posteriori*,

13 S. Freud, “La feminilidad”, in *Obras completas*.

14 S. Freud, *op. cit.*, p. 108.

15 S. Alonso, “O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada”, *Percurso*, n. 56/57.



para Laplanche não há um sexual e um social separados, mas um sexual que se infiltra nas mensagens e um socius da história singular que realiza a identificação primitiva

a tópica psíquica e o funcionamento tradutivo. A sedução de que ele fala seria um terceiro domínio da realidade – a da mensagem. O que caracteriza o lugar do adulto nessa situação fundamental é que ele emite mensagens – linguísticas, prelinguísticas ou paralinguísticas, conscientes ou pre-conscientes – atravessadas pelo inconsciente do adulto que as envia, ou seja, o inconsciente do adulto faz ruído nas mensagens tornando-as opacas, seja para quem as recebe ou para quem as envia, já que tramita nelas o “fantasma sexual do adulto”. No processo da criança para inserir-se no mundo da linguagem, há algo traumatizante que a precede, algo fica em estado selvagem perante grandes enigmas como o coito dos pais, o nascimento de um irmão ou a diferença entre os sexos, e isso desencadeia um difícil trabalho de simbolização, que põe em jogo a reelaboração tradutiva, uma atividade teorizante na criança que produz as teorias sexuais infantis. Difícil trabalho de simbolização, que deixa sempre um resto não traduzido que produz o inconsciente na criança. Tudo isso no *a posteriori*; as mensagens ficam implantadas no corpo da criança sem que ela se aproprie delas e, num segundo momento, pelo trabalho de tradução, se instaura o recalque, e o resto, não traduzido, forma o inconsciente.

É por aí que Laplanche pensa o conceito de gênero; ligando-o à mensagem, postula que os adultos transmitem muitas mensagens que são veiculadas pelos cuidados corporais, seguindo o código do apego, a partir do qual surge a pulsão. Mas nem tudo circula pela linguagem do corpo; há ainda o código ou a língua social, as mensagens do *socius*, entre as quais se destacam as de designação de gênero, que também chegam carregando o enigma.

Cito uma afirmação muito esclarecedora de Dejours:

[...] quando os adultos atribuem um gênero à criança, eles próprios não sabem exatamente o que entendem por masculino ou feminino. É fácil significar a uma criança que ele é homem ou mulher, mas o que quer dizer ser homem para o adulto que pronuncia essa afirmação? Quando um adulto diz para o filho que é um menino, diz tudo o que pensa dos meninos e das meninas, mas também tudo o que esconde da noção de gênero e sexo. Seguramente por meio da atribuição de gênero, confronta a criança com tudo o que pode haver de ambíguo na diferença anatômica dos sexos e no sexual, e isso por causa de suas próprias ambivalências, incertezas e conflitos internos¹⁶.

Embora Laplanche concorde com Stoller que haja uma designação, não concorda que seja “um nome”, e sim “Um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. [...] uma designação contínua ou uma verdadeira prescrição”¹⁷. Aqui se abre a possibilidade de pensar o plural e o conflitivo.

Para o autor, não há um sexual e um social separados, mas um sexual que se infiltra nas mensagens e um *socius* da história singular que realiza a identificação primitiva. E aqui há uma nova inversão: não é o bebê que se identifica, mas ele é identificado pelo outro que o designa.

Finalmente, ainda de acordo com Laplanche, a cultura entra na construção de gênero oferecendo códigos de tradução que permitirão à criança traduzir mensagens enigmáticas; entre esses códigos, estão os roteiros mito-simbólicos, sempre importantes nesse processo tradutivo permanente, mas novamente o autor faz dois deslocamentos. Alerta para a cegueira que a psicanálise pode produzir em nós ao tentar impor como único mito contemporâneo versões nascidas da concepção falocêntrica e afirma:

Apesar da irresistível conquista do mundo pelo binarismo, é bom lembrar que este auge é contingente se

comparado a tantas civilizações nas quais os mitos fundadores não são binários e sim plurais, aceitando a ambivalência, em lugar de apostar tudo na diferença¹⁸.

Laplanche questiona a universalidade do roteiro mítico da castração e nos lembra que a anatomia a partir da qual se traduz o gênero é perceptiva e ilusória e acontece em meio a uma rede fantástica, sem coincidirem a diferença perceptível e a fisiológica.

Propõe então uma tríade: sexo-gênero-sexual. O sexual é o resto inconsciente que resta da simbolização que o sexo faz do gênero. Considerando que o gênero é plural, o sexo o simboliza como dual, e o sexual é o pulsional perverso polimorfo¹⁹. Na lógica fálica, se passa da diversidade à dualidade ou a um atributo só – o fálico ou o não fálico; alguém marcado pela insígnia, e o outro como negativo. E Laplanche se pergunta: “A universalidade do complexo de castração é incontornável? [...] não podem existir modelos de simbolização mais flexíveis e múltiplos?”²⁰.

(2) Marcia Arán²¹ também segue esse caminho, reunindo ideias de Joel Birman, Monique D. Ménard e Monique Schnaider para pensar a diferença dos sexos mais além da lógica fálico-castrado e a construção das subjetividades como singularidades. Ela nos remete ao conceito freudiano de feminilidade, no qual encontra uma grande potencialidade e uma crítica a um modelo universalista; segundo a autora, haveria nele uma abertura para a alteridade e a experiência. Esse conceito, que aparece em Freud em 1937²², marca o limite do campo da representação, mas também o da diferença sexual pensada só sob a lógica fálica. Nesse período, haveria um deslocamento do mais (o

»»

*Marcia Arán nos remete
ao conceito freudiano de
feminilidade, no qual encontra uma
grande potencialidade e uma crítica
a um modelo universalista*

fálico) e do menos (o castrado) para o campo das intensidades, da pulsão no seu excesso, abrindo campo para pensar as subjetividades na singularidade e sem excluir o corpo.

Ainda de acordo com Arán, o pensamento desses três autores teria em comum (a) a crítica à centralidade do complexo de Édipo no primado do falo e a recusa do feminino, (b) a releitura do corpo erógeno para fundamentar o excesso e eliminar o dualismo mente/corpo e (c) a proposta de pensar as subjetividades a partir dos textos em que Freud trabalha o campo da estética, sendo isso importante porque neles opõe sublimação e recalque²³.

Partindo da ideia de que, em *O mal-estar na civilização*, Freud opõe civilização a pulsão, e que se trata de uma civilização que se erige sobre o recalque da pulsão e a recusa do feminino, dando centralidade ao conceito de pulsão, se presta contas a essa civilização e se reinclui a ordem da incerteza, a indeterminação e a contingência.

No século XXI, muitos se empenham em pensar e construir uma epistemologia da diversidade onde caiba a alteridade. Para isso a autora retoma a metapsicologia tentando aproximar-se de uma metapsicologia da alteridade mostrando como, na primeira teoria freudiana, o recalque aparece como defesa do traumático, o inconsciente como corpo estranho, e a sensorialidade tem um lugar fundamental. Quando Freud abandona a teoria traumática, o recalque passa a ser a operação constitutiva do sujeito, a experiência sensível perde espaço e vai se afastando do singular para deixar o primado ao universal. Assim, a pulsão só aparece quando ligada à representação. O Édipo, que já se universalizou em Freud, passa a ter caráter estrutural em Lacan e marca a

16 C. Dejours, “Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos”, *Alter*, n. 2.

17 J. Laplanche, *Sexual*, p. 166-167.

18 J. Laplanche, *Entre seducción e inspiración*, p. 221-222.

19 J. Laplanche, *Sexual*.

20 J. Laplanche, *op. cit.*, p. 171.

21 M. Arán, *O avesso do avesso*.

22 S. Freud, “Análisis terminable e interminable”, in *Obras completas*.

23 M. Arán, *op. cit.*



nesse modelo que favorece a alteridade, se pensam as subjetividades marcadas antes pelas insuficiências da condição humana do que pelo jogo das trocas narcísicas

entrada na cultura. O inconsciente passa a ser um inconsciente sistêmico, organizador fundamental do sujeito. No final da obra, o conceito de força pulsional volta a partir da clínica da guerra e ligado ao conceito de desamparo e de angústia do real, reincluindo a incerteza e a indeterminação. Em *Inibição, sintoma e angústia*²⁴, o recálque volta a ser uma das possibilidades de defesa, mas não a única; ele constitui uma forma de subjetivação.

Nesse modelo que favorece a alteridade, se pensam as subjetividades marcadas antes pelas insuficiências da condição humana do que pelo jogo das trocas narcísicas. E considerando o encontro não como complementaridade nem busca da completude, mas como construção permanente da diferença, penso que a autora faz um aporte importante para avançar no sentido de pensar as diferenças²⁵.

(3) Em terceiro lugar, no momento atual, o trabalho dos autores é fundamentalmente no caminho da interseccionalidade, sendo o cruzamento gênero/raça um campo muito fértil para pensar uma nova episteme. Vejamos um relato ilustrativo de Grada Kilomba: “Você gostaria de limpar a nossa casa?” – Conectando “raça” e gênero.

Quando eu tinha entre 12 e 13 anos, fui ao médico por causa de uma gripe. Após a consulta, ao me dirigir à porta, ele, de repente, me chamou. Ele estivera olhando para mim, e disse que havia tido uma ideia. Ele, sua esposa e dois filhos, de aproximadamente 18 e 21 anos, estavam indo viajar de férias. Haviam alugado uma casa no sul de Portugal [...] e ele estava pensando que eu poderia ir com eles. O médico então propôs que eu cozinhasse as refeições diárias da família, limpasse a casa e eventualmente lavasse suas roupas. “Não é muito”, disse

ele, “alguns *shorts*, talvez uma camiseta e, claro nossas roupas íntimas!” Entre essas tarefas, ele explicou, eu teria tempo suficiente para mim. Eu poderia ir à praia, “e fazer o que quiser”, insistiu. Ele tinha máscaras africanas decorando o outro lado do consultório, eu devo ter olhado para elas. “Elas são de Guiné Bissau!”, disse ele. “Eu trabalhei lá” [...] como médico. Olhei para ele, calada. Eu realmente não me lembro se fui capaz de dizer algo. Acho que não. Mas me lembro de sair do consultório em um estado de vertigem e de vomitar, após ter me distanciado de lá algumas ruas, antes de chegar em casa. Estava diante de algo irracional²⁶.

Nesse cenário, a jovem menina não é vista como uma criança, mas sim como uma servente. O homem transformou nossa relação médico/paciente em uma relação senhor/servente: de paciente eu me tornei a servente negra, assim como ele passou de médico a um senhor branco. Um simbólico, com uma construção dupla. Nessas construções binárias a dimensão de poder entre as oposições é duplamente invertida. Não se trata apenas de “paciente negra/médico branco, ou de paciente mulher/médico homem”. Trata-se de uma relação paciente, mulher, negra/médico, homem, branco – o duplo poder de um em relação à outra e “se refletindo nas estruturas da Outridade, complexificando suas políticas”²⁷.

Parece que estamos presos num dilema teórico: é racismo ou sexismo? Esse encontro revela como “raça e sexo são inseparáveis”.

E voltamos à questão do poder, agora duplicado com os cruzamentos de gênero e raça, a que devemos acrescentar também classe. Como alerta Grada Kilomba, não são processos paralelos e sim entrelaçados, o que compõe um campo de pensamento extremamente complexo, como podem testemunhar os colegas que vêm estudando essas questões.

Até aqui, nos referimos ao poder como o estabelecimento de relações hierárquicas em que se exerce dominação de gênero, raça e classe; formas cotidianas naturalizadas – às vezes invisíveis – de domínio. Mas há outra forma de entender o poder: como reconhecimento da “potência em si”.

Referências bibliográficas

- Alonso S. (2016). O conceito de gênero retrabalhado no marco da teoria da sedução generalizada. *Percursos*, n. 56/57. São Paulo, v. 29, p. 81-90.
- Arán M. (2006). *O avesso do avesso*. Rio de Janeiro: Garamond.
- _____. (2009). A psicanálise e o dispositivo *diferença sexual*. *Estudos Feministas*, n. 3. Florianópolis, v. 17, p. 653-673.
- Beauvoir S. (1949/1998). *El segundo sexo*. Madrid: Cátedra.
- Cabará Eldorado: o alvo dos nazistas* (2023). Direção: Benjamin Cantu. Roteiro: Benjamin Cantu; Felix Kriegsheim. Elenco: Eren M. Güvercin, Livia Matthes, Nicolo Pasetti e outros. Produção: Benjamin Cantu et al. Documentário, 92 min.
- Dejours C. (2006). Por una teoría psicoanalítica de la diferencia de sexos: introducción al artículo de Jean Laplanche. *Alter*, n. 2. Disponível em: <<http://revistaalter.com/revista/por-uma-teoria-psicoanalitica-dem-la-diferencia-de-sexos-introduccion-al-articulo-de-jean-laplanche/934/>>. Acesso em: ago. 2025.
- Fernández A.M. (2012). *Las lógicas sexuales: amor, política y violencias*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Freud S. (1895/1989). Estudios sobre la histeria. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1897/1989). Carta 69. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1908/1993). La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. v. IX.
- _____. (1926/1981). Inhibición, síntoma y angustia. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. v. 20.
- _____. (1932/1993). La feminilidad [Conferencia 33]. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. v. XXII.
- _____. (1937/1989). Análisis terminable e interminable. In *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. v. 23.
- Hall S. (1990). Cultural Identity and Diaspora. In Rutherford J. (ed.), *Identity, Community, Culture, Difference*, London, Lawrence & Wishart Limited.
- Irigaray L. (2017). *Este sexo que não é só um sexo: sexualidade e status social da mulher*. São Paulo: Editora Senac.
- Kilomba G. (2019). *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Kristeva J. (2018). *Beauvoir presente*. São Paulo: Edições Sesc.
- Laplanche J. (1988). *Problemáticas 11: castração, simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2001). *Entre sedução e inspiração: o homem*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (2015). *Sexual: sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: DUBLINENSE.
- Mitchell J. (1979). *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Preciado P. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Stoller R. (1968). *Sex and gender*. Nova York: Jason Aronson.
- Volnovich J.C. (2017). Aquellos vientos trajeron estos lodos. In Meier L., *Psicoanálisis y género*. Buenos Aires: Paidós, p. 234-240.

Sexuality, power, psychoanalysis

Abstract This article examines the power of political and social forces in constructing “norms” around sexuality, as well as in excluding and dehumanizing “certain bodies” and “certain others”. Based on the dialogue between feminism and psychoanalysis, it analyzes the psychoanalytic “episteme” in its closures and adaptation to the hegemonic norm and in its openings and reworkings, in order to construct, together with other forms of knowledge, an episteme in which the diversities of sex and race can fit.

Keywords sexuality; feminisms; gender; social normativity; logics of power.

Texto recebido: 06/2025

Aprovado: 08/2025